Revista Internacional Movimentos Docentes (MOVDOC)
ISSN 3086-7452
Vol. 3, 2026, p.1-5
10.47247/movdoc.v3i.7

EDITORIAL: SABERES EM MOVIMENTO, NOVOS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO

Há momentos em que a educação exige menos respostas prontas e mais disponibilidade para pensar, isto é, pensar o que fazemos, por que fazemos, para quem fazemos e, sobretudo, quais possibilidades de mundo são produzidas pelas escolhas que realizamos quando ensinamos, pesquisamos, avaliamos, formamos ou compartilhamos conhecimentos. É desse lugar que nasce o terceiro volume da Revista Internacional Movimentos Docentes – MOVDOC. *Saberes em Movimento: formação, inclusão, crítica e transformação na educação* não procura estabelecer uma única leitura para os desafios educacionais do presente. Ao contrário, parte da compreensão de que a educação se constitui justamente no encontro entre diferentes sujeitos, conhecimentos, territórios, experiências e modos de interpretar a realidade. O saber, nessa perspectiva, deixa de ser compreendido como produto acabado e passa a ser reconhecido como construção situada, histórica e permanentemente aberta à revisão.

Essa concepção dialoga com a trajetória dos Movimentos Docentes. Ao longo de quinze anos, conhecimentos produzidos em escolas, universidades, projetos, pesquisas, encontros e comunidades passaram a circular por diferentes espaços e linguagens. Uma experiência desenvolvida em um território encontrou leitores em outro; uma prática docente transformou-se em relato, pesquisa ou publicação; uma pergunta surgida no cotidiano da escola atravessou os limites institucionais e passou a integrar debates mais amplos. O movimento dos saberes tornou-se, assim, também movimento de pessoas, ideias e possibilidades. Esses 15 anos do Grupo de Pesquisa Movimentos Docentes, comemorados em 2025, não representam apenas uma marca cronológica, também permitem observar uma construção coletiva que começou em experiências locais e progressivamente constituiu redes de pesquisa, formação, extensão, comunicação e produção científica. Celebrar essa história significa preservar sua memória, mas também evitar que ela se transforme em algo imóvel. Como afirmamos em outro momento das comemorações, recordar implica compreender as raízes para continuar crescendo, reconhecendo realizações, mas igualmente os limites, silêncios e desafios que permanecem diante de nós.

É particularmente significativo, portanto, que este terceiro volume apresente uma multiplicidade tão expressiva de perspectivas, de modo que as pesquisas transitem entre educação científica, sustentabilidade, direitos humanos, formação docente, inclusão, ancestralidade, avaliação, diversidade, arte, investigação escolar e dimensões afetivas da aprendizagem. A infância aparece como território privilegiado para pensar essa responsabilidade, posto que um dos trabalhos articula educação científica e consciência ambiental, defendendo experiências investigativas e humanizadoras desde os primeiros anos e indicando que curiosidade, observação, pensamento crítico e responsabilidade ambiental não precisam esperar etapas posteriores da escolarização para serem desenvolvidos. Esse compromisso também gera a discussão sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável, que relaciona direito à educação, dignidade humana e direito a um ambiente ecologicamente equilibrado, situando a sustentabilidade como dimensão ética e formativa das práticas

ISSN 3086-7452
Vol. 3, 2026, p.1-5
10.47247/movdoc.v3i.7

pedagógicas.

Em outro movimento, a educação é colocada diante de espaços nos quais o próprio direito de aprender ainda precisa ser continuamente afirmado; a análise da educação prisional evidencia a distância existente entre a garantia jurídica e sua concretização cotidiana, mostrando como precariedade estrutural, lógica punitiva e insuficiência de recursos podem limitar a realização da educação como instrumento de humanização, emancipação e reintegração social. A discussão nos recorda que falar em transformação educacional exige perguntar também quem tem efetivamente acesso às condições para aprender e quais sujeitos ainda permanecem às margens das oportunidades educacionais. Essa pergunta encontra outras respostas quando o volume abre espaço para conhecimentos produzidos para além das estruturas escolares convencionais. As vozes de mulheres quilombolas da Bahia apresentam práticas educativas sustentadas pela ancestralidade, oralidade, religiosidade, cuidado, memória e vida comunitária. A educação, resistência e produção de conhecimento se entrelaçam, colocando em questão hierarquias epistemológicas que durante muito tempo determinaram quais sujeitos poderiam ser reconhecidos como produtores legítimos de saber. O quilombo aparece, assim, como espaço vivo de formação, pertencimento, resistência e construção coletiva de futuros.

A formação de professores permanece igualmente central neste volume, mas é observada por diferentes ângulos, o acompanhamento de egressos é problematizado como prática epistêmica capaz de relacionar formação inicial, trajetórias profissionais, desenvolvimento docente, inovação, pesquisa, bem-estar, ética e impacto territorial. O estudo propõe utilizar informações sobre os percursos dos graduados para retroalimentar currículos e fortalecer a responsabilidade pública das instituições formadoras. A formação também é interrogada a partir dos desafios da educação inclusiva; os trabalhos dedicados ao Atendimento Educacional Especializado e à inclusão reafirmam que a efetivação do direito à aprendizagem não depende exclusivamente de dispositivos legais ou de adaptações pontuais. Exige articulação entre teoria e prática, formação inicial e continuada, colaboração profissional, responsabilidade institucional e compromisso ético com a equidade.

Transformar concepções exige, muitas vezes, enfrentar temas diante dos quais a escola aprendeu a silenciar, assim o estudo sobre gênero, sexualidade e formação em serviço mostra como processos formativos baseados na escuta, na reflexão coletiva e na ação-reflexão-ação podem deslocar inseguranças e produzir novas possibilidades pedagógicas. Entre o silêncio e a palavra, professoras constroem condições para agir com maior consciência, sensibilidade e responsabilidade diante da diversidade presente no cotidiano escolar. Outros textos recordam que formação e conhecimento não precisam estar restritos às linguagens tradicionalmente associadas à academia, por exemplo, a leitura da *Pedagogia da Autonomia* nos leva a criação de paródias musicais, uma experiência na formação inicial que transforma avaliação em autoria, arte, reflexão e expressão. Os futuros professores demonstram compreensão conceitual e reelaboram ideias pedagógicas mediante uma linguagem estética, crítica e afetiva. A experiência reafirma algo importante para a MOVDOC: produzir conhecimento também significa encontrar novas formas de comunicá-lo e atribuir sentido ao que aprendemos.

No Ensino de Ciências, esse movimento assume a forma da investigação com o estudo

ISSN 3086-7452
Vol. 3, 2026, p.1-5
10.47247/movdoc.v3i.7

sobre uma sequência investigativa com terrários que acompanha estudantes do Ensino Fundamental na construção progressiva de critérios para observar dados, articular evidências e elaborar explicações. O conhecimento científico não lhes é apresentado exclusivamente como resultado pronto, mas como processo no qual perguntar, investigar, argumentar e interpretar também constituem formas de aprender Ciências. A dimensão humana da educação reaparece ainda quando a escuta das emoções é assumida como prática pedagógica quando os desenhos produzidos por crianças no início do ano letivo funcionam simultaneamente como expressão, acolhimento e possibilidade de compreensão do grupo. A experiência atribui às emoções um lugar legítimo na construção pedagógica e demonstra que conhecer os estudantes também significa reconhecer suas formas de sentir, perceber e significar o espaço escolar. O diagnóstico deixa, então, de representar apenas medição para converter-se em escuta e possibilidade de vínculo.

A própria avaliação da aprendizagem é problematizada em um estudo realizado em Moçambique, a pesquisa identifica o predomínio de práticas de caráter somativo e chama atenção para a necessidade de aproximar avaliação e acompanhamento efetivo da aprendizagem, valorizando feedback, compreensão do erro e formação docente. Além de ampliar a presença internacional da MOVDOC, o trabalho revela como determinadas questões educacionais percorrem fronteiras e encontram diferentes manifestações conforme os contextos nos quais são vividas. Observados em conjunto, os artigos deste volume parecem dizer algo importante: os saberes não permanecem imóveis. Eles se modificam quando encontram novas experiências, quando são questionados por outros sujeitos, quando percorrem territórios e quando precisam responder a realidades que já não cabem em antigas explicações. Educação científica, sustentabilidade, inclusão, ancestralidade, direitos, diversidade, arte, afetividade e avaliação convergem porque nos obrigam a reconhecer a educação como campo de relações e disputas permanentemente inacabado.

É justamente nesse cenário que a MOVDOC chega ao seu terceiro ano de existência. Após o lançamento do Volume 1, em dezembro de 2024, e do Volume 2, em dezembro de 2025, a publicação deste Volume 3, no primeiro semestre de 2026, representa outra etapa na consolidação de um projeto editorial que nasceu dos Movimentos Docentes e que pretende ampliar espaços para pesquisas, experiências e diferentes formas de produção do conhecimento educacional. A própria história da revista está vinculada a uma trajetória mais longa de divulgação de pesquisas e relatos, inicialmente por meio dos encontros, anais e cadernos de resumos do ENMD e, posteriormente, do Congresso Internacional Movimentos Docentes. Neste volume, excepcionalmente, os artigos publicados tiveram origem em trabalhos apresentados inicialmente como resumos ao Congresso Internacional Movimentos Docentes – CMD 2025 e recomendados pelos pareceristas para desenvolvimento e publicação. Essa articulação entre congresso e periódico permite que estudos inicialmente apresentados em um espaço de encontro e debate prossigam seu percurso, sejam ampliados, submetidos à avaliação científica e alcancem novos leitores. Para os próximos volumes, a Revista seguirá o fluxo regular de submissões disponível em seu site.

Chegar ao terceiro ano também significa entrar em uma etapa de consolidação, para nós, entretanto, consolidar não significa simplesmente permanecer. Significa amadurecer políticas

ISSN 3086-7452
Vol. 3, 2026, p.1-5
10.47247/movdoc.v3i.7

e processos editoriais, ampliar a diversidade institucional e geográfica dos autores e avaliadores, fortalecer a internacionalização, garantir regularidade e aprofundar os compromissos com ética, ciência aberta e qualidade acadêmica. Agradecemos à equipe editorial e aos pareceristas que assumem conosco a responsabilidade de uma avaliação por pares ética e cientificamente rigorosa, condição indispensável para a integridade dos trabalhos publicados.

Mas desejamos que a MOVDOC não termine no momento da publicação de seus artigos... No segundo semestre de 2026, autores e autoras de trabalhos já publicados serão convidados a participar do Clube de Leitura MD, iniciativa concebida desde o lançamento da revista para ampliar a circulação das pesquisas e aproximá-las especialmente de professores e professoras da Educação Básica. Um artigo não precisa encerrar seu movimento ao receber DOI, paginação ou endereço eletrônico. Ele pode voltar a ser conversa, formação, pergunta, debate e inspiração para outras práticas.

É essa mesma compreensão ampliada de publicação que justifica a existência de espaços próprios dentro da Revista. A MOVDOC não é constituída apenas por artigos científicos. Em “Flores para Professores”, reconhecemos e homenageamos educadores cujas trajetórias e contribuições merecem visibilidade. A proposta prolonga um princípio presente na história dos Movimentos Docentes: não é possível defender a valorização da educação sem valorizar concretamente os sujeitos que a constroem.

Em “Conte alguma coisa boa”, queremos abrir espaço para experiências capazes de lembrar que a educação também produz encontros felizes, soluções criativas e práticas que funcionam. Uma estratégia que mobilizou uma turma, uma experiência significativa, uma boa prática ou um caso de sucesso em gestão escolar pode tornar-se inspiração para outras pessoas. Em meio à necessária crítica aos problemas educacionais, também precisamos aprender a narrar aquilo que conseguimos transformar. E em “Escredocências”, modalidade de produção escrita construída pelos Movimentos Docentes, reafirmamos a autoria dos professores. Experiências, conhecimentos e reflexões produzidos no cotidiano da profissão podem e devem circular. O professor não é apenas destinatário de pesquisas desenvolvidas por outros: é também sujeito que interpreta sua prática, produz conhecimento, constrói memória e pode transformar aquilo que vive em palavra compartilhada.

O espaço está aberto.

Convidamos nossos leitores a percorrer os três primeiros volumes da MOVDOC, estabelecer diálogos entre eles, utilizar suas produções em pesquisas e processos formativos e também participar criticamente da construção da Revista. Comentários, propostas e sugestões de aprimoramento são bem-vindos porque compreendemos que um periódico dedicado aos Movimentos Docentes não poderia ser concebido como obra terminada. A MOVDOC é também um convite à constituição coletiva do conhecimento.

E é justamente como convite que encerramos este editorial.

Convidamos pesquisadoras, pesquisadores, professoras, professores, estudantes e profissionais da educação a publicarem conosco suas pesquisas, experiências, reflexões e escredocências. Queremos que outras instituições, territórios e vozes encontrem na MOVDOC

Revista Internacional Movimentos Docentes (MOVDOC)
ISSN 3086-7452
Vol. 3, 2026, p.1-5
10.47247/movdoc.v3i.7

um espaço para colocar conhecimentos em circulação e ampliar os debates nas áreas de Educação, Formação e Prática Docente e Sustentabilidade.

Publicar é colocar algo em movimento. Uma pesquisa deixa o espaço no qual foi produzida e encontra outras perguntas. Uma experiência deixa de pertencer somente a quem a viveu e pode ser apropriada, questionada e ressignificada por outros. Um saber encontra outro saber e nenhum deles retorna exatamente igual desse encontro.

É essa revista que queremos continuar construindo.

Uma revista em movimento, para conhecimentos que não desejam permanecer parados.

Com flores,

Boa leitura!

Profa. Dra. Marilena Rosalen – editora-chefe

Prof. Me. Everton Viesba – editor executivo